

---

# PAGODE DA 27: EM BUSCA DA POLÍTICA NA PERIFERIA

PAGODE DA 27: IN SEARCH OF POLITICS IN THE PERIPHERY

PAGODE DA 27: EN BUSCA DE LA POLÍTICA EN LA PERIFERIA

---

Nicolau Musa<sup>54</sup>

## Resumo

O presente trabalho tem como proposta a discussão acerca da centralidade política que ocupam os movimentos estético-culturais periféricos no atual contexto urbano. Isso se dará a partir de uma pesquisa de mestrado em andamento, baseada, por sua vez, na reflexão sobre a atuação do Pagode da 27: uma autodenominada comunidade de samba localizada no Grajaú, na zona sul da cidade de São Paulo. O coletivo trabalha com o intuito de trazer o samba de volta para a periferia, tomando-o como “instrumento de transformação social”. Além da ocupação e construção do espaço público, da produção de cultura e lazer na e para a periferia e das músicas e discursos que ali circulam, o grupo atua com projetos voltados para a formação de crianças e jovens - como uma escolinha de futebol e uma biblioteca aberta. Alargando o conceito de política, ativismos como este podem ser entendidos como a busca pela tomada da parte daqueles “sem parte” (RANCIÈRE, 1996) e como processo de emergência daquilo que antes era ruído - invisível e indizível (RANCIÈRE, 2005). Construída coletivamente por meio da experiência dentro de um campo de conflitos (THOMPSON, 1998), a agência política existe enquanto uma dinâmica instituinte do novo (CASTORIADIS, 1982). Se há em curso, no atual contexto do conflito urbano brasileiro (MACHADO, 2010), um processo de “sujeição criminal” (MISSE, 2010), o novo em relação ao contexto, mas também o novo para os próprios sujeitos, é entendido, aqui, como uma busca, também, pela política.

**Palavras-chave:** Teoria Sociológica; Sociologia Política; Sociologia Urbana; Periferia; Coletivos Culturais.

## Abstract

The present work aims to discuss the political centrality occupied by peripheral aesthetic-cultural movements in the current urban context. This will be based on an ongoing master's research, based on the reflection about the performance of Pagode da 27: a self-denominated samba community located in Grajaú, in the south zone of

---

<sup>54</sup> Mestrando em Sociologia na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), e-mail: musa.nicolau@gmail.com.

the city of São Paulo. The collective works with the intention of bringing samba back to the periphery, taking it as an "instrument of social transformation". Besides the occupation and construction of public space, the production of culture and leisure in and for the periphery, and the music and discourses that circulate there, the group works with projects aimed at the education of children and young people - such as a soccer school and an open library. Broadening the concept of politics, activism like this one can be understood as the search for taking over the part of those "without part" (RANCIÉRE, 1996) and as a process of emergence of that which before was noise - invisible and unspeakable (RANCIÉRE, 2005). Collectively constructed through experience within a field of conflict (THOMPSON, 1998), political agency exists as an instituting dynamic of the new (CASTORIADIS, 1982). If there is, in the current context of the Brazilian urban conflict (MACHADO, 2010), a process of "criminal subjection" (MISSE, 2010), the new in relation to the context, but also the new for the subjects themselves, is understood here as a search, also, for politics.

**Keywords:** Sociological Theory; Political Sociology; Urban Sociology; Periphery; Cultural Collectives.

### Resumen

El presente trabajo pretende discutir la centralidad política que ocupan los movimientos estético-culturales periféricos en el contexto urbano actual. Esto se basará en una investigación de máster en curso, basada en la reflexión sobre la actuación de Pagode da 27: una comunidad de samba autodenominada situada en Grajaú, en la zona sur de la ciudad de São Paulo. El colectivo trabaja con la intención de devolver la samba a la periferia, tomándola como "instrumento de transformación social". Además de la ocupación y construcción del espacio público, la producción de cultura y ocio en y para la periferia, y las músicas y discursos que circulan por ella, el grupo trabaja con proyectos destinados a la educación de niños y jóvenes, como una escuela de fútbol y una biblioteca abierta. Ampliando el concepto de política, un activismo como éste puede entenderse como la búsqueda de la apropiación de la parte de los "sin parte" (RANCIÉRE, 1996) y como un proceso de emergencia de lo que antes era ruido - invisible e indecible (RANCIÉRE, 2005). Construida colectivamente a través de la experiencia dentro de un campo de conflicto (THOMPSON, 1998), la agencia política existe como dinámica instituyente de lo nuevo (CASTORIADIS, 1982). Si hay un proceso en curso de "sujeción criminal" (MISSE, 2010) en el contexto actual del conflicto urbano brasileño (MACHADO, 2010), lo nuevo en relación con el contexto, pero también lo nuevo para los propios sujetos, se entiende aquí como una búsqueda, también, de la política.

**Palabras Clave:** Teoría sociológica; Sociología política; Sociología urbana; Periferia; Colectivos culturales.

### INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como foco refletir sobre a dimensão política dos movimentos culturais periféricos na configuração do "conflito urbano" brasileiro (MACHADO, 2010) e da supressão da política no atual tempo histórico de "totalitarismo neoliberal" (OLIVEIRA, 2006), de "indistinção" (PAOLI, 2006) e de

“achatamento dos horizontes de expectativa (ARANTES, 2014). Para isso, partindo de uma pesquisa de mestrado ainda em andamento, a proposta é olhar um objeto empírico determinado: o Pagode da 27, uma autointitulada “comunidade de samba” localizada no Grajaú, na zona sul da cidade de São Paulo. O objetivo aqui será compreender como este coletivo específico produz, de diversos modos, o novo - seja com sua arte, com a ocupação e a construção do espaço público, ou com projetos sociais de formação voltados para jovens. Isso se dá mesmo em um contexto que, de diversas maneiras, tenta direcionar as classes populares para a ideia de que não há nada a ser feito, de que existem poucas possibilidades e, portanto, pouco se deve ou se pode tentar, no presente, para transformar um futuro que já estaria dado. A própria subversão dessa condição estrutural, assim como a construção de agentes dessa subversão pelo afeto e pela cultura, já seriam “política”.

De início, cabe retomar a política dos movimentos culturais periféricos, como a encontramos no estado da arte. Érica do Nascimento (2006; 2011), apresenta, a partir da “Literatura Marginal”, como a chamada “produção cultural periférica” permite um novo circuito simbólico, a partir da utilização coletiva do espaço público e da “entrada na cena” desses novos sujeitos. Emergem novos discursos sobre a cidade e sobre esses grupos sociais que, antes excluídos, agora passam a ser os protagonistas desse processo simbólico. Em consonância, Guilherme Aderaldo (2017; 2017b) demonstra como “experiências associativas” desse tipo adentram a “disputa simbólica” pública sobre as relações centro-periferia e as próprias ideias de periferia e seus usos.

Tiarajú D’Andrea (2013) apresenta uma síntese importante do debate, conceituando o “sujeito periférico” como aquele que constrói uma subjetividade edificada no orgulho de ser periférico, na compreensão de sua situação e na consequente movimentação coletiva política. Teriam sido os Racionais MC’s, na década de 1990, os catalisadores e propulsores dessa nova subjetividade, posta em prática de forma exponencial, nas duas décadas seguintes, pelos movimentos culturais periféricos. Para o autor, o “sujeito periférico” seria aquele que passa a “agir politicamente a partir desse orgulho”. Os coletivos teriam surgido e crescido muito nas últimas décadas por 5 indutores principais: pacificar um contexto violento; produzir sustento material; melhorar o bairro; participar politicamente; e produzir cultura como

forma de emancipação humana (D'ANDREA, 2020, p. 33). Embora, aqui, o autor não explicita o entendimento de “política” manuseado.

A pesquisa de campo com o Pagode da 27 e o conhecimento etnográfico alcançado ao longo deste processo, permitem inferir que há concordância, nesta realidade empírica, com o que a literatura diz sobre a atuação dos coletivos culturais. Há ocupação do espaço público e entrada na “disputa simbólica”: reunião de artistas que entram em cena e, com experiências associativas, criam e fortalecem uma imagem voltada para a potencialidade do sujeito periférico. Além de ocupação, há produção do espaço - com melhorias no bairro a nível de estrutura urbana mesmo: equipamento gratuito de lazer a cultura, biblioteca com projeto educativo, quadra reformada para a escolinha de futebol, entre outros. A estética que dá voz ao ruído, devolve a parte dos sem parte (RANCIÉRE, 1996; 2005) e vem acompanhada de uma série de ações concretas em defesa da periferia, como fazem os “sujeitos periféricos” tipificados por D'andrea (2013).

Há, do mesmo modo, no caso do Pagode da 27, a criação de oportunidades formativas, vinculadas ao esporte, à leitura e à própria música. Como síntese disso, a recém inaugurada “casa27”, um espaço aglutinador dos projetos já em curso, além de abrir espaço para novas situações - como, por enquanto, parcerias com programas culturais que atuam com crianças e jovens na região. Em suma, uma atuação voltada para dentro e para fora da periferia. Para a construção simbólica e material do território e para a luta por novas condições estruturais e subjetivas dos sujeitos que estão ou ainda surgirão nessa periferia. O que, então, o Pagode da 27 nos mostra de novo? Como pretendemos debater ao longo deste trabalho, a consolidada e ampla atuação política do coletivo se apoia e tem como cerne a busca pela construção de outras subjetividades e possibilidades. Muito por meio do afeto, embora em espaços de intervenção de diferentes níveis, a disputa é por fazer refletir e por formar. Eles mesmos, afinal, por meio do amor pelo samba e da pulsão de tocar, passaram a se direcionar para uma subjetividade política. Desse processo surge a comunidade de samba: a coletividade cultural e o inerente direcionamento para o fazer político. O samba como início. A imaginação - e concretização - de outras possibilidades como fim.

## **O PAGODE DA 27 E O GRAJAÚ: SITUANDO O OBJETO EMPÍRICO**

O Pagode da 27 é uma autodenominada *comunidade* de samba que se reúne todos os domingos na Rua Manuel Guilherme dos Reis - antigamente chamada de rua 27, origem do nome do grupo - no Grajaú. Segundo sua própria página no facebook<sup>55</sup>, essa *comunidade* de samba foi criada em 2005, com o intuito de levar o samba de volta para a periferia, utilizando-o como “instrumento de transformação social”. Se hoje o Pagode da 27 se apropria do espaço público, produz estrutura para o território, proporciona lazer e cultura de maneira gratuita para sua comunidade e atua com diversos projetos de formação e de assistência social, é porque 17 anos atrás alguns jovens do Grajaú se reuniam para realizar seus desejos constantes de fazer e ouvir um Samba. Foi na prática, ao longo das rodas de samba, que os fundadores deste coletivo perceberam a potência deste tipo de encontro para, além da música, também lutarem por melhorias diversas para a sua “quebrada”.

O Grajaú<sup>56</sup> é o distrito mais populoso da cidade, com cerca de 380 mil habitantes, sendo o segundo distrito com maior porcentagem de população preta e parda em São Paulo. Uma vez que sabemos da relação - tanto na prática, quanto na identidade, na ancestralidade e na herança cultural constantemente reivindicadas - entre o samba e esse grupo social, ancorar a comunidade de samba em um bairro com essa característica demográfica é importante, até por que o próprio grupo se coloca dentro da herança cultural e tradicional do samba, dizendo ter como objetivo levar o samba de volta para as suas raízes. Para além deste dado citado acima - embora sejam dados relacionáveis - é interessante situar o Grajaú dentro de um contexto estrutural vinculado às discussões de acesso à cidadania, de direitos humanos, ou, de forma mais ampla, relacionados à qualidade de vida no meio urbano.

A idade média ao morrer no Grajaú é de 59,5 anos, sendo a quarta pior colocada da cidade, com cerca de 25% a menos que o distrito mais bem colocado - o Jardim Paulista, com 81,5 anos de idade média ao morrer. Embora os índices relacionados ao acesso à educação básica não sejam ruins - também, provavelmente, pelo fato de as famílias dos bairros mais bem posicionados não utilizarem a educação pública, por opção e condição econômica - o mapa da desigualdade nos mostra que

---

<sup>55</sup> <https://www.facebook.com/pagodeda27> . Último acesso em 20/11/2021

<sup>56</sup> Os dados a partir daqui mencionados sobre o Grajaú são retirados do Mapa da desigualdade, Rede Nossa São Paulo, Centro de Estudos da Metrópole (CEM). 2020. Disponível em: <https://www.nossasaopaulo.org.br/wp-content/uploads/2020/10/Mapa-da-Desigualdade-2020-TABELAS-1.pdf>. Último acesso feito em 22 de junho de 2021.

este acesso não é suficiente para resolver os problemas estruturais. Isso se comprova, por exemplo, com os dados sobre a renda média familiar mensal, que no Grajaú, ocupando a 13º pior colocação, é de pouco menos que 3 mil reais: praticamente 30% do valor deste mesmo índice para o bairro melhor posicionado - alto de pinheiros, onde a renda média familiar mensal é de 9.591,93 reais.

Por último, ainda a partir do mapa da desigualdade, um dado bastante elucidativo para pensar o contexto do Pagode da 27 de forma um pouco mais ampla é o do acesso à cultura. Embora ocupe posições medianas ou ruins em praticamente todos os índices de cultura do mapa da desigualdade citado - sejam relacionados a equipamentos públicos ou privados (museus, casas de show, cinema, etc.) - em um dos índices o distrito aparece no “primeiro escalão”, aquele de “centros culturais, casas e espaços de cultura”: na minha análise, justamente os locais de movimentação cultural feita pelos habitantes da região, empreendendo cultura, assim como o faz o Pagode da 27, sem depender do Estado ou de investimentos privados que vêm “de fora”.

## **O CONFLITO URBANO BRASILEIRO E A POLÍTICA EM SEU TEMPO HISTÓRICO: SITUANDO O CONTEXTO TEÓRICO ANALÍTICO**

O primeiro aporte base para se pensar o Pagode da 27 - uma movimentação cultural feita na periferia de São Paulo, a maior cidade do Brasil - é a contribuição dada pelos estudos da chamada Sociologia do Conflito Urbano. A Sociologia Urbana no Brasil, de maneira geral, se desenvolveu desde os anos 1960 acompanhando o problema social proeminente em cada época - ou, pelo menos, a questão mais visível para os sociólogos. Machado (2016) nos convida a acompanhar esse processo em que houve um deslocamento da questão social - e do horizonte de integração para as classes populares - do problema habitacional para a periferização e problemas do mundo do trabalho e, em sequência, para a questão dos direitos e movimentos sociais. Se Kowarick (1979) e Durham (1973) apontam o panorama dos anos 1960 aos 1980, apreendendo as formas e efeitos da urbanização, da migração e pensando as classes populares como trabalhadores, morando nas periferias e construindo laços familiares. Sader (1988) nos mostra a configuração dos anos 1980 e início dos 1990, na qual a noção de política é ampliada e a busca por direitos, por meio principalmente de movimentos sociais, vai além da busca por trabalho e moradia. Importante ressaltar,

no mesmo período, o trabalho de Zaluar (1985), em que a análise, embora denote estruturas similares, já aponta para a questão da violência e para o deslocamento interno às classes populares entre a figura do “trabalhador” e a do “bandido”.

Embora estes temas sejam cronologicamente abordados - muito por aparecerem de maneira cronológica na sociedade - é importante colocar que os anteriores não desaparecem quando surgem os novos, mas se sobrepõem em um contexto urbano cada vez mais complexo. Dentro do campo da Sociologia surge, no seio dessas discussões, uma tradição que vai pensar o urbano por meio do conflito e de seu deslocamento. Em cada momento, então, há uma questão social a ser resolvida, um grupo social marginalizado e uma forma de resolver o embaraço. Do problema de moradia e de trabalho a ser resolvido pelo Estado e pela luta dos trabalhadores ao problema da pobreza e da ausência de completa cidadania a ser resolvido pelos movimentos sociais - autônomos, mas buscando o Estado - o que temos é a busca pela integração do “grupo excluído”, de um “outro” que é empecilho pela situação em que vive, mas que pode - e vai - ser inserido dentro da engrenagem.

A partir dos anos 1990, em meio à euforia pela redemocratização, o que se percebeu foi o não cumprimento dessa integração e, na verdade, um aprofundamento dos processos de exclusão - assim como da questão da violência e da criminalidade. Com esse período se conforma e consolida, na Sociologia Brasileira, a tradição do conflito urbano, que, ao pensar esse processo de deslocamento da questão social, percebe, no lugar da integração, uma inflexão que radicaliza o “outro” - o periférico - e o torna “abominável”. O próprio debate público puxa a discussão, no fluxo de um processo em que se torna hegemônica a percepção acerca do irrompimento da criminalidade e da violência, problema que ultrapassa as fronteiras do aceitável e se transforma em ameaça para aqueles que levam uma vida “certa”, “do bem”, e passam, daí em diante, a conceber suas rotinas enquanto ameaçadas pelo confronto potencial com essa realidade.

Machado (2010), apresenta bem esse debate e coloca pontos importantes a serem ressaltados. Em primeiro lugar, existe a percepção de que essa inflexão possui apoio na realidade, não sendo uma simples invenção que cria uma simbologia de que a cidade está violenta. Apesar disso, seguindo a discussão, o enquadramento público desse debate reproduz a própria violência urbana, criando uma gramática que atravessa e constitui a realidade social, se espalhando por diversos setores da

sociedade e modulando diversas relações sociais. Por fim e central para o ponto aqui colocado, é fato que existe a realidade do que Machado chamou de “sociabilidade violenta” (2004), mas também existe um processo de formulação da nova forma de representar determinado grupo social - cujo “tipo ideal” de indivíduo é o jovem negro oriundo de territórios periféricos: potenciais criminosos, que ameaçam a ordem e, portanto, devem ser combatidos.

Na nova configuração da questão social, não há mais o horizonte de integração, muito menos uma expectativa pública de que o Estado “acolha” e “dê oportunidades” a esses sujeitos - do Estado e seus agentes se espera nada menos que repressão e encarceramento. O horizonte de integração pelo mundo do trabalho e pela busca por direitos desaparece, também, para uma parcela dos indivíduos das classes populares, o que ajuda a compreender a criação, por meio da agência e da ação dentro da própria periferia, de diversos coletivos nas periferias - o famoso “nóis por nós”. Também aparecem regimes normativos outros, como o do “mundo do crime” (FELTRAN, 2012). Há, portanto, um “choque de ordens”, dentro de um contexto em que se hegemoniza a alteridade radical e se constitui a representação de “inimigos internos” (FELTRAN, 2017). O que ocorre, afinal, é o processo de “sujeição criminal” teorizado por Misse (2010): um grupo específico - associado à pobreza e atrelado a determinado crime - passa por um assujeitamento, ao ser representado como criminoso e inimigo por diversas parcelas da sociedade, e também por uma subjetivação, à medida que esse processo passa a constituir esses indivíduos. É nesse contexto que se insere o Pagode da 27 e, de forma geral, os sujeitos e grupos vinculados a movimentos culturais periféricos em São Paulo.

Em consonância com a atual configuração do conflito urbano nas grandes cidades do Brasil, é possível pensar o Brasil em uma dimensão mais teórica, a da supressão da política no atual tempo histórico. Se Koselleck (2011) caracteriza a modernidade pelo distanciamento entre o “espaço de experiência” e o “horizonte de expectativa”, em uma tensão “solucionada” constantemente pela ideia de progresso, Paulo Arantes (2014) apresenta o que seria o “novo tempo do mundo”. Para este autor, o tempo presente é atravessado por um processo de “achatamento do horizonte de expectativas”. Com constante sensação de risco, caberia, atualmente, apenas gerenciar a emergência, em um futuro que já chegou. Às classes populares, principalmente, resta sobreviver - não desejar e nem ter esperanças de

transformação. Dentro da estrutura sistêmica dominante, não há mais, na base da pirâmide, diferença entre o viver e o buscar, a expectativa única é continuar vivendo.

Algumas leituras do Brasil pós-redemocratização agregam ao “achamento das expectativas” a análise de uma conjuntura nacional em que o sistema econômico mundial e a política institucional interna geram a supressão do espaço comum e das possibilidades de se fazer política - em um sentido amplo. Chico de Oliveira (2006) analisa o Brasil após a redemocratização, com atenção especial aos avanços do neoliberalismo durante os governos de Fernando Henrique Cardoso e de Luiz Inácio Lula da Silva. Para o autor, esse contexto gera a dominação sem política e sem alteridade. É o que ele chama de “totalitarismo neoliberal”, cujas características seriam a extroversão da mediação política para o capitalismo global financeirizado e a privação do espaço público - portanto, das possibilidades de dissenso. No mesmo sentido aparece o conceito de “mundo do indistinto” apresentado por Maria Célia Paoli (2006). Aqui, a autora também evidencia a falta da construção de um “espaço comum” e da política, substituídos pela emergência da gestão e da técnica na resolução dos assuntos públicos.

Há, tanto em Chico de Oliveira, quanto em Maria Célia Paoli, diálogos com os trabalhos de Hannah Arendt e Jacques Rancière. Estes, cada um ao seu modo, olham a política pela ação de sujeitos plurais e como possibilidade de construção do novo, diferente de uma visão que olha o poder e a dominação estrutural: forças contra as quais se deve lutar. Arendt (2002; 2011) constrói sua teoria pautada na liberdade, entendida por ela como a possibilidade de se intercomunicar e, assim, criar novos mundos comuns. O mundo comum permitiria o julgamento e a fala - para o avanço republicano. Rancière (1996; 2005), por sua vez, entende a igualdade como fundante, não como ponto de chegada. Mais do que um mundo comum, a política seria a criação do novo a partir do dissenso, objetivando um mundo partilhado, em que diferentes mundos coexistem, mas onde os “sem-parte” conseguem participar, contestar. A “política” seria antagônica à “polícia”: seria romper a organização e a distribuição de corpos e interromper a dominação. Isso, importante frisar, é diferente de gestionar a dominação, de manter a distribuição dos corpos, mesmo que apoiando ou dando assistência aos dominados.

Por fim, um último apontamento teórico. A discussão filosófica da política feita por Arendt e Rancière funciona, aqui, como horizonte, como formas de enxergar e

buscar possibilidades políticas - possibilidades que Oliveira e Paoli argumentam estarem esvaziadas. Entretanto, analisar a política feita pelos movimentos culturais periféricos e, especificamente, pelo Pagode da 27, é buscar a política real, na forma com que ela se constrói. Aposto, para isso, em dois suportes teóricos. Um deles advém de Thompson (1984; 1998). Este autor nos ajuda a compreender as movimentações populares a partir de suas próprias experiências, de forma a centrar a análise nos sujeitos e suas ações. Estas, por sua vez, se dariam dentro de uma estrutura e de costumes específicos da própria classe. A estrutura, no entanto, se caracterizaria não como algo determinante, mas como um campo de forças, uma totalidade dialética cuja dinâmica é o conflito diverso e constante.

O outro suporte viria de Castoriadis (1982) e sua ideia de “dinâmicas instituintes”. Para ele, a política seria um constante processo criativo e coletivo de imaginários outros. Como consequência, sujeitos, também transformados, construiriam uma autotransformação do instituído. Em suma, a criação do novo e a recriação de si mesmo, constante e mútua: isto seria a política. Aqui, como em Thompson, existe a percepção de que sempre se faz política, de que não há estrutura, política, gestão, nada que seja totalmente dominante, perpétuo. Isso não só na perspectiva, na expectativa, mas na realidade social vista na prática. Ambos ajudam a compreender que a política é pautada pela realidade, pelo contexto histórico e espacial em que os sujeitos agem. Isso se dá sem necessariamente alcançar o que é idealizado pelos teóricos, ou, também, pelos próprios agentes. A atuação mesmo dos agentes é atravessada pelas contradições próprias de cada sujeito, por pulsões desconhecidas, por interesses individuais, por busca por gestão e até por manutenção de alguns delineamentos da política e da dominação. De toda forma, há o irrompimento, há a aparição de dissensos e a busca pela participação no mundo comum. Há, essencialmente, processos constantes de transformação e de busca pelo novo. Para concretizar isso, vamos traçar agora um breve panorama de algumas atuações do Pagode da 27, entendendo como e em que grau elas são políticas.

## **EM BUSCA DA POLÍTICA DO PAGODE DA 27**

SAMBA, TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA: A INTERRUPÇÃO DO TEMPO HOMOGÊNEO

Uma primeira acepção da política no Pagode da 27 vem do próprio samba e dos significados que ele possui para o grupo e a partir do grupo. O samba enquanto movimento cultural e histórico possui, no Brasil, uma longa trajetória de reflexão e atuação relacionadas às condições e possibilidades de determinados grupos sociais. Isso por si só já o eleva a uma certa politicidade, uma vez que entre diversas descontinuidades, ele segue atuando enquanto um dispositivo de comunhão e um direcionador para formas de compreender o mundo e nele agir. Explico: o Pagode da 27 surgiu em 2005, embora os seus fundadores já tivessem a prática de se reunir constantemente para tocar, aprender com o “samba de raiz” e se divertir. Na virada do milênio havia um contexto de inflexão do conflito urbano - de baixa perspectiva de integração e de negação a alguns grupos periféricos do direito de participar, de forma a serem abomináveis e extermináveis, uma vez que supostamente violentos e criminosos. Havia, também, uma brusca queda das possibilidades políticas anteriores, de movimentos sociais, lutas de trabalhadores, entre outras. Era o “achatamento das expectativas”.

Nesse contexto, restou, para diversos grupos periféricos, a resistência por meio da cultura - muitas vezes não planejada, como no caso do Pagode da 27. Sem objetivar nenhuma participação política, nenhum tipo de transformação, alguns jovens se juntavam pelo amor ao samba, amor esse vinculado a experiências familiares e à valorização dentro do território de alguns grupos musicais, como o Fundo de Quintal. Antes era uma forma de lazer e de respiro em meio a complicações das vidas de cada um, momentos de distanciamento dos problemas cotidianos. Entretanto, por meio do samba e da potência coletiva que ele apresentava, o grupo passa a se consolidar enquanto um vetor de transformação, atuando com melhorias para a localidade e fazendo emergir, neles e em diversos outros sujeitos que eles atingiam, a expectativa pela mudança, um horizonte distante, mas real, pelo qual valeria a pena lutar.

Ademais, isso se deu e continua se dando pautado em uma tradição, em uma história específica do samba de raiz, retomada constantemente pelo grupo e força motriz dos valores e objetivos ali compartilhados. Tradição, no samba, entendida aqui no sentido de Eduardo Coutinho (2011): não um saudosismo de uma cultura que seria objeto inerte, mas como resistência a processos de hegemonização. Resistência política, operacionalizada com a reelaboração constante e atual da historicidade necessária às perspectivas de um grupo não dominante. Embora na prática a atuação

de uma comunidade de samba na periferia de São Paulo não tenha relação direta nenhuma com os sambistas dos morros cariocas dos anos 1930, se conforma um passado, no ativismo presente, que permite e impulsiona o pensamento crítico acerca de questões como a segregação urbana, exclusão, racismo, entre outras.

Surge uma luta atravessada por um “espaço de experiência” (KOSELLECK, 2011) conformado coletivamente. Como Benjamin (1987) nos convida a pensar, a política também deve ser atravessada pela forma como se enxerga o passado. Iluminar a tradição do samba da forma com que o Pagode da 27 faz, contribui para a política no presente. Olha-se a história dos vencidos, mas de forma a potencializar a ideia de que sempre houve resistência, luta e reflexão - assim como lazer, diversão e poesia. O irrompimento no presente dessa tradição, portanto, contribui, ainda na perspectiva benjaminiana, com a interrupção do tempo homogêneo. Embora o autor criticasse justamente a ideia de progresso da modernidade, no atual tempo histórico é possível entender como política a recuperação do passado que interrompa o imobilismo e a falta de perspectiva, revertendo a supressão da política e recolocando, nestes sujeitos, a força motriz para perceber sua potência insurgente voltada à construção de novas possibilidades.

#### CONSTRUINDO NOVO OLHAR SOBRE A PERIFERIA: PARTILHA DO SENSÍVEL E DISPUTA SIMBÓLICA

Ao pensar a periferia por meio da Sociologia do conflito urbano, fica evidente a centralidade que o mundo simbólico possui na realidade social desses sujeitos. A forma como os sujeitos desses territórios são representados por setores da sociedade possui consequências em suas vidas, uma vez que são representados negativamente, classificados, separados e, conseqüentemente, sofrem com demandas e ações públicas que os excluem, os violentam e, no limite, os exterminam. Entretanto, embora essa alteridade radicalizada tenha se aprofundado a partir dos anos 1990, foi nesse período que alguns setores periféricos passaram a construir um certo orgulho de ser periférico, entrando no debate público com narrativas que olhassem as potencialidades da periferia, e não os problemas e “perigos”. Ser periférico é encarar problemas, é estar num território com demandas por melhorias, mas também é resistir, também é fazer poesia, também é ser estiloso, dançar bem, escrever bem ou conseguir fazer bem qualquer coisa que se propuser a fazer.

Essa virada discursiva nasce na periferia, mas ganha espaço cada vez maior na sociedade, adentrando setores antes permeados apenas por preconceitos e ataques: “seu filho que ser preto, ah, que ironia”, já narravam os Racionais MC’s no clássico *Negro Drama*, mostrando, também, que muito desse fenômeno se deu majoritariamente por meio da música, ou da arte de forma geral. Ranciére (2005) trata do regime estético enquanto uma forma política, uma vez que na partilha do sensível - partes de um todo, tomadas por cada grupo como consequência de uma divisão já existente nas relações sociais de poder - aparece a disputa, na sociedade, entre aquilo que é visível/dizível e aquilo que é ruído. Se as classes populares estavam sem sua parte, essa parte é tomada, a fala é conquistada, e o dissenso, por meio do discurso simbólico criado pelos periféricos sobre a cidade e sobre eles mesmos, aparece na construção do tecido social. Embora não reorganize os corpos necessariamente, a estética, no caso, pode ser mais do que uma simples reorganização do discurso a partir dos critérios já existentes, devolvendo a igualdade fundante a uma parcela da população cujos discursos - sobre certos assuntos - antes eram invalidados completamente.

Para exemplificar e pensar mais uma faceta da política do Pagode da 27, vale analisar a letra da música “Filhos da Favela”, música feita e bastante tocada pela comunidade do Pagode da 27 em suas rodas, com videoclipe já tendo sido produzido e possuindo mais de cem mil visualizações no Youtube<sup>57</sup> - número expressivo, apesar de ser difícil mensurar o alcance apenas por esse dado:

Favela  
É reduto de poetas  
Entre becos e vielas  
Poesia à Deus dará

Favela  
Quem te conhece por dentro  
Sabe do teu sofrimento  
Ao romper da madrugada  
Mas só quem vive na minha favela  
É capaz de enxergar aquarela  
Do arco - íris à Oitava Cor  
Enquanto o menino trabalha debaixo do sol no farol  
Sonhando ser craque de futebol  
E brilhar na linda tela

(Favela)  
Berço da simplicidade  
(Favela)

---

<sup>57</sup> Para acessar o videoclipe: <https://www.youtube.com/watch?v=uSxZIHcBchc> - último acesso em 29 de julho de 2022.

Retrato da realidade

Verdade que não perde o seu valor  
Na favela nasci e me criei  
Na favela encontrei o amor  
E meu filho é filho do fruto da nossa favela

Pai, Criador  
Pro morro não ter mais sequelas  
Proteja o povo que vive na favela  
Pai, Criador  
Pro morro não ter mais sequelas  
Proteja o povo que vive na favela

Eu, tantas vezes vou cantar  
Por outras tantas vou dizer  
O manto vermelho e branco  
Faz secar meu pranto  
Eu sou 27 até morrer

Quero ver favela se erguer  
Quero ver favela se erguer  
(Filhos de Favela - Ricardo Rabelo, Nenê Partideiro e Rogério Borges)

Embora a letra da música não transforme a favela em um lugar idílico - narrando a realidade do local como uma realidade em que há sofrimento e situações concretas relacionadas à desigualdade social - opera-se, na canção, uma reviravolta do sujeito dessa favela, que é poeta, ama e possui uma comunidade de samba para cantar e chorar. Isso se intensifica na medida em que a música é feita, reproduzida e entoada por sujeitos que compartilham desse contexto, narrando a realidade em que estão inseridos, ao mesmo tempo em que a constroem por meio da arte, da cooperação, da estética e da política. Entram em cena, portanto, novas representações sobre a localidade e os sujeitos que ali vivem, reconfigurando as maneiras como o próprio grupo social produz suas formas de pensar e de agir em determinadas situações de suas vidas. Ao mesmo tempo, são inseridas novas reflexões no debate público<sup>58</sup>, em uma batalha de representações que, como vimos, é central na configuração atual do conflito urbano.

---

<sup>58</sup> Embora não seja simples medir empiricamente a entrada no debate público, a percepção da presença do Pagode da 27 em mídias relativamente grandes indica que há uma inserção dessa representação em locais da sociedade que vão muito além da própria localidade em que o grupo constrói sua prática. Exemplos em <https://catracalivre.com.br/samba-em-rede/pagode-da-27-comemora-14-anos-de-resistencia-cultural-no-grajau/> ;  
[https://www.youtube.com/watch?v=OYWmSc6\\_mSk](https://www.youtube.com/watch?v=OYWmSc6_mSk) e  
<https://www.youtube.com/watch?v=fWl1pw4f3kzY>

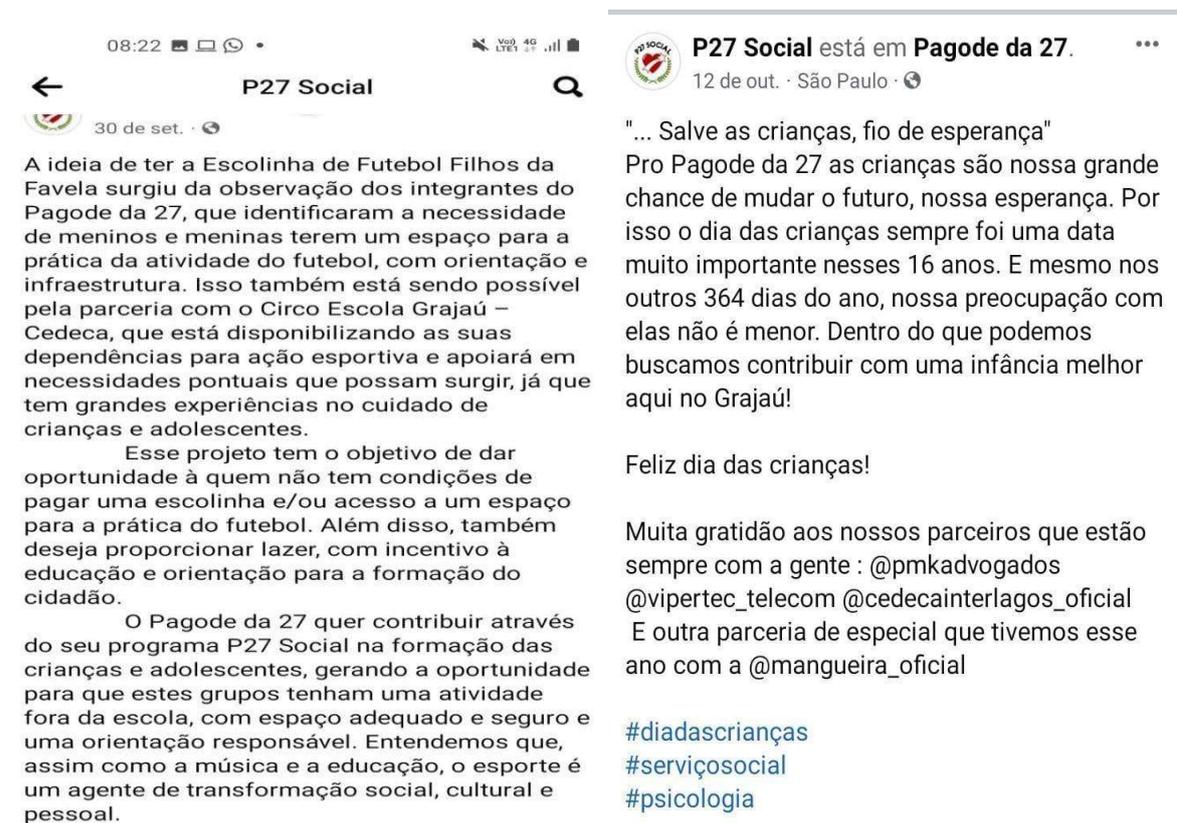
## PROCESSOS FORMATIVOS: SUBJETIVAÇÃO POLÍTICA CONTRA A SUJEIÇÃO CRIMINAL

A politicidade da estética e da entrada na disputa simbólica apresentada na seção 3.2. ajuda na compreensão da importância da fala e do se colocar perante ao mundo comum social, portanto “externamente” com igualdade. Uma outra faceta disso está na própria construção “interna” que a atuação do Pagode da 27 formula. A irradiação da estética e das outras atuações do coletivo permite até aos próprios sujeitos da comunidade de samba do Pagode da 27 a reconsideração de suas possibilidades e potências, formulando expectativas coletivas novas de transformação de si e da realidade ao seu redor. Também é Rancière (1996) quem ajuda na compreensão da política presente nesse processo, ao conceituar a ideia de “subjetivação política”. A subjetivação, para ele, seria diferente da subjetivação foucaultiana: enquanto este pensa na subjetivação formulada pela estrutura, aquele discute o processo de subjetivação como partindo da ação e dos próprios sujeitos políticos: subjetividade construída pela “política”, não pela “polícia”.

Se com o ativismo do Pagode da 27 os próprios sujeitos resgatam a igualdade fundante e passam a se colocar como partes do todo, como produtores do dissenso, nesse processo eles estão também direcionando a forma como se constituem e como e se enxergam. Embora não seja diretamente vinculado à teoria rancieriana, o entendimento, aqui, é de um Pagode da 27 político por atuar na formação das subjetividades. Isso se dá de duas formas: a primeira na própria constituição dos atores membros do coletivo, amantes do samba que, no processo, constroem a subjetivação política e passam a se entender como partes do comum, passando a atuar dentro e fora da quebrada. A segunda forma é nos projetos de formação voltados a jovens, cujos objetivos, como me contaram os meus interlocutores, eram formar uma nova possibilidade, dar aos jovens o olhar sobre si mesmo como alguém que pode e deve participar e tem direito de sonhar e atuar em busca da transformação que desejam.

Um último objeto empírico para exemplificar o argumento é a escolinha de futebol - com o mesmo nome da música: “Filhos de favela” - que o Pagode da 27 começou a organizar esse ano. Em parceria com o CEDECA do Grajaú - o que abre margem para outras reflexões, que não cabem aqui, acerca da relação do Pagode da 27 com instituições apoiadoras - a proposta é projetar um espaço de fornecimento de

estrutura e oportunidades para a prática do esporte naquela localidade. Evidentemente, a ideia vai muito além de um simples espaço para ensinar futebol. Há um atravessamento, intrínseco ao projeto, de ideias relacionadas a “formar cidadãos”, transformando a localidade, o horizonte das crianças e dos jovens de lá e a própria constituição, enquanto pessoas, dessas crianças e jovens.



08:22 P27 Social

30 de set.

A ideia de ter a Escolinha de Futebol Filhos da Favela surgiu da observação dos integrantes do Pagode da 27, que identificaram a necessidade de meninos e meninas terem um espaço para a prática da atividade do futebol, com orientação e infraestrutura. Isso também está sendo possível pela parceria com o Circo Escola Grajaú – Cedeca, que está disponibilizando as suas dependências para ação esportiva e apoiará em necessidades pontuais que possam surgir, já que tem grandes experiências no cuidado de crianças e adolescentes.

Esse projeto tem o objetivo de dar oportunidade à quem não tem condições de pagar uma escolinha e/ou acesso a um espaço para a prática do futebol. Além disso, também deseja proporcionar lazer, com incentivo à educação e orientação para a formação do cidadão.

O Pagode da 27 quer contribuir através do seu programa P27 Social na formação das crianças e adolescentes, gerando a oportunidade para que estes grupos tenham uma atividade fora da escola, com espaço adequado e seguro e uma orientação responsável. Entendemos que, assim como a música e a educação, o esporte é um agente de transformação social, cultural e pessoal.

P27 Social está em Pagode da 27.  
12 de out. · São Paulo

"... Salve as crianças, fio de esperança"  
Pro Pagode da 27 as crianças são nossa grande chance de mudar o futuro, nossa esperança. Por isso o dia das crianças sempre foi uma data muito importante nesses 16 anos. E mesmo nos outros 364 dias do ano, nossa preocupação com elas não é menor. Dentro do que podemos buscamos contribuir com uma infância melhor aqui no Grajaú!

Feliz dia das crianças!

Muita gratidão aos nossos parceiros que estão sempre com a gente : @pmkadvogados @vipertec\_telecom @cedecainterlagos\_oficial E outra parceria de especial que tivemos esse ano com a @mangueira\_oficial

#diadascrianças  
#serviçosocial  
#psicologia

Retirado da página do “P27 social”, em postagens feitas, respectivamente, no dia 30 de setembro e 12 de outubro de 2021. <https://www.facebook.com/P27social> - último acesso em 23 de novembro de 2021.

Como a escrita na postagem da esquerda - sobre a escolinha - evidencia, há uma preocupação do Pagode da 27 com os horizontes e a formação das crianças e jovens de sua região. Uma formação de “fora” para “dentro”, mas que objetiva fornecer subsídios para que as próprias crianças passem a atuar, no momento e no futuro, como “agentes de transformação social”. Outro exemplo é uma biblioteca comunitária feita e cuidada pelo grupo. Além de produzir um espaço e uma estrutura diferente na localidade, trazendo melhorias materiais para o território periférico em que estão inseridos, o grupo também contribuiu com a formação dos sujeitos que ali se desenvolvem. Para finalizar, a postagem da direita, feita no dia das crianças - data sempre valorizada e comemorada pelo grupo - corrobora bastante o argumento aqui

colocado. Ilustra novamente a ideia discutida a partir da escolinha de futebol: a forte preocupação com as crianças do local e com a formação a que estão submetidas.

## CONCLUSÃO

Embora sejam três flancos complexos e com necessidade de profundo desenvolvimento, me parece ter sido possível demonstrar, com as análises, a contribuição da disciplina de Sociologia Política para pensar e refletir acerca da “busca pela política” que um movimento cultural periférico oferece. A escolha aqui foi, no lugar de aprofundar um tema visto na disciplina, sistematizar as considerações feitas cotidianamente durante o período das aulas, observando, a cada tema e leitura, as possibilidades de discussão e apoio que a teoria sociológica e filosófica poderia fornecer enquanto arma para debater da minha própria pesquisa. Evidentemente, aqui consta ainda um esboço, algo embrionário. Entretanto, apesar da complexidade, a apreensão desses breves apontamentos parece caminhar, a partir da reflexão sobre o objeto empírico, para uma possível amarração: a dupla atuação externa-interna que uma prática cultural em comunidade, como a do Pagode da 27, possui. Há, aqui, diferentes formas de produzir transformação e de criar novas possibilidades. Em suma, de fazer política.

Embora seja uma divisão feita para a compreensão apenas, visto que fazem parte de um mesmo processo, a apreensão da atuação externa e interna deste movimento cultural é importante para percebermos os significados da atuação política dos movimentos culturais. Retomando Thompson, cabe dizer que o coletivo está imerso em um campo de forças, definido por um dos meus interlocutores como uma corda bamba. A atuação deles, além de passar por um tensionamento entre os próprios membros e seus interesses individuais, também equilibra diferentes mediações e diversos outros conflitos cotidianos. O PCC, a Polícia Militar, as ONG's, o Estado, a Igreja Evangélica, os vizinhos bolsonaristas, são alguns exemplos. Há, também, a própria demanda interna da quebrada por algumas facetas da gestão, de avanço dentro da atual organização sistêmica de corpos e da dominação - em contraposição às possibilidades políticas. Com isso, ressalto que pensar a política na periferia de São Paulo hoje é considerar a experiência real. Vemos a concretização de transformações e melhorias desejadas, a criação de outras possibilidades e a

assunção de processos imaginativos antes inesperados, impossibilitados e achatados pela emergência.

## REFERÊNCIAS

ADERALDO, Guilherme. *Reinventando a cidade: uma etnografia das lutas simbólicas entre coletivos culturais vídeo-ativistas nas “periferias” de São Paulo*. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2017.

ADERALDO, Guilherme. Linguagem audiovisual e insurgências populares: reconstituindo uma experiência associativa entre jovens vídeo-ativistas nas “periferias” paulistanas. In. *Illuminuras*, Porto Alegre, v.18, n.44, 2017b.

ALMEIDA, Renato S. “Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo”. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros*, n. 56, p. 151-172, jun. 2013.

ARANTES, Paulo. *O novo tempo do mundo e outros estudos sobre a era da emergência*. São Paulo, Boitempo, 2014.

ARENDT, Hannah. *O que é política?* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

ARENDT, Hannah. *Da Revolução*. São Paulo: São Paulo, Cia. das Letras, 2011.

BENJAMIN, W. Teses sobre o conceito de história. In. *Obras escolhidas*. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaio sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987.

CALDEIRA, T. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Editora 34 e Edusp, 2000.

CASTORIADIS, Cornélius. *A instituição imaginária da sociedade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

COUTINHO, Eduardo Granja. *Velhas histórias, memórias futuras*. Rio de Janeiro: Editora da Uerj, 2011.

D’ANDREA, Tiarajú. *A formação dos sujeitos periféricos: cultura e política nas periferias de São Paulo*. Tese (doutorado) em Sociologia. São Paulo: FFLCH/USP, 2013.

D’ANDREA, Tiarajú. Contribuições para a definição dos conceitos periferia e sujeitos e sujeitos periféricos. In. *Novos estudos*. CEBRAP. São Paulo, v.39, n.11, jan-abr, (19-36), 2020.

DURHAM, E. *A caminho da cidade*. São Paulo: Perspectiva, 1973.

FELTRAN, G. Governo que produz crime, crime que produz governo: o dispositivo de gestão do homicídio em São Paulo (1992-2011). **Revista Brasileira de Segurança Pública**, v. 6, 2012.

FELTRAN, G. Choque de ordens: drogas, dinheiro e regimes normativos em São Paulo. **BIS. Boletim Do Instituto De Saúde**, 18(1), 25-40. 2017.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro passado**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2011

KOWARICK, L. **Espoliação urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

MACHADO DA SILVA, L. **SOCIABILIDADE VIOLENTA**: por uma interpretação da criminalidade contemporânea no Brasil urbano. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 19, n. 1, p. 53-84, jan./jun. 2004.

MACHADO DA SILVA. Violência urbana, segurança pública e favelas - o caso do Rio de Janeiro atual. **Caderno CRH - UFBA** (impresso), v. 23, p. 283-300, 2010.

MACHADO DA SILVA, L. Meio século de Sociologia das Classes Populares Urbanas. In. MACHADO DA SILVA, L.A. **Fazendo a cidade**: trabalho, moradia e vida local entre as camadas populares urbanas. Rio de Janeiro: Mórula, 2016.

MISSE, M. **Crime e Violência no Brasil Contemporâneo**: estudos de sociologia do crime e da violência urbana. Rio de Janeiro, Lumen Juris Editora, 2006.

MISSE, M. **Crime, sujeito e sujeição criminal**: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. *Lua Nova*, 79, 15–38, 2010.

MISSE, M. GRILLO, C.; NERI, N. Letalidade policial e indiferença legal: A apuração judiciária dos ‘autos de resistência’ no Rio de Janeiro (2001-2011). **Dilemas- Revista de Estudos de Conflito e Controle Social**. Edição especial n.1, 2015.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **Literatura marginal: os escritores da periferia entram em cena**. Dissertação (Mestrado) em Antropologia. São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

NASCIMENTO, Érica Peçanha do. **É Tudo Nosso! Produção Cultural na Periferia Paulistana**. Tese (Doutorado) em Antropologia. São Paulo: FFLCH/USP, 2011.

OLIVEIRA, F. "Política na era da Indeterminação" in: Oliveira, F e Rizek, C. S. **A Era da Indeterminação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

PAOLI, M. C. “O Mundo do Indistinto” in: Oliveira, F e Rizek, C. S. **A Era da Indeterminação**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2006.

RANCIÈRE, Jacques. **O desentendimento**. São Paulo: Editora 34, 1996.

RANCIÈRE, J. **A partilha do Sensível**: estética e política. Tradução: Mônica Costa Netto. São Paulo; Editora 34, 2005.

SADER, E. **Quando novos personagens entraram em cena**: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo, 1970-80. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

TELLES, V. **Pobreza e cidadania**: dilema do Brasil contemporâneo. Cadernos CRH, n.19, 1993.

THOMPSON, E.P. “La sociedad inglesa del siglo XVIII: Lucha de clase sin clases?” In: **Tradición, revuelta y consciencia de clase**: estudios sobre la crisis de la sociedad preindustrial. Barcelona: Editorial Crítica, 1984.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum**. São Paulo: Cia das Letras, 1998.

VIANNA, A; FARIAS, J. **A guerra das mães**: dor e política em situações de violência institucional. Cadernos Pagu, n.37, 2011.

ZALUAR, A. **A máquina e a revolta**: as organizações populares e o significado da pobreza, São Paulo, Brasiliense, 1985.